

Educação Financeira Associativa

Acompanhando a jornada da vida

Publicado em nome da Conferência de Economia do Goetheanum como uma contribuição para a compreensão e ensino de finanças
Comentários e perguntas: contact@associative-financial-literacy.com

Publicação No. 6 / Novembro 2021

Caminhos para o ensino da Economia Associativa nas Escolas Waldorf

Encontro Presencial do Economics Conference do Goetheanum para professores do ensino fundamental e médio interessados no tema.

Camila Pannain e Lucia Sigolo¹ / São Paulo, Brasil.

“Nenhuma criança deve atingir a idade de quinze anos sem realmente ser levada da aritmética ao seu conhecimento as regras de pelo menos as formas mais simples da contabilidade.”

– Rudolf Steiner. 12ª palestra, GA 294.

No dia 5 de agosto, em Diálogos de Economia Associativa a partir da Conferência Econômica do Goetheanum, em São Paulo, Camila Pannain e Lucia Sigolo organizaram um encontro intitulado “Caminhos para o ensino da Economia Associativa nas Escolas Waldorf” voltado para professores do ensino fundamental e médio interessados em pesquisar e desenvolver o tema. O encontro aconteceu presencialmente e foi realizado no Centro Cultural Rudolf Steiner, sede da Sociedade Antroposófica do Brasil.

Tivemos um grupo pequeno e participativo, incluindo professores da Escola Waldorf Rudolf Steiner em São Paulo, Escola Livre Areté, administradores da Federação das Escolas Waldorf no Brasil e economistas que pretendem ministrar aulas baseadas nos fundamentos do curso de economia de Rudolf Steiner, cujo centenário que celebramos este ano, em 2022.



Após as apresentações iniciais, mencionamos as linhas de pesquisa da Conferência de Economia, enfatizando a importância do conhecimento da economia associativa e da escrituração de partidas dobradas como base para o caminho e autodescoberta, bem como a importância de trazer adequadamente esse conhecimento aos alunos. Permitindo assim que os jovens abordem o tema de forma não egoísta, ou seja, de forma fraterna, de acordo com sua própria essência econômica.

Para ambientar o encontro, foram oferecidas aos presentes duas aulas, semelhantes às oferecidas na aula de alfabetização financeira:

Primeiro, voltamos no tempo. A partir de uma perspectiva histórica, partindo da Mesopotâmia até

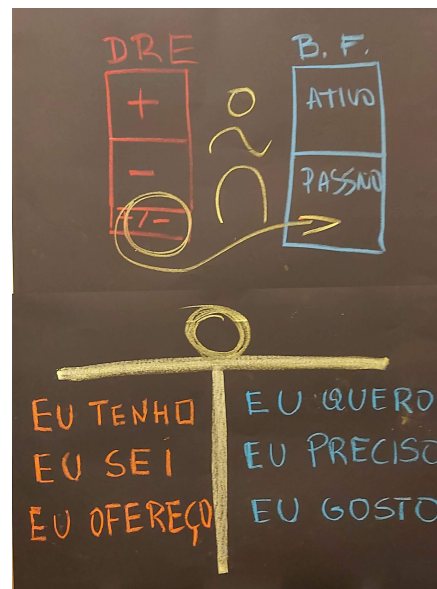
¹ **Camila Pannain** - administradora de empresas, ex-microempresária como designer de bolos autônoma, professora Waldorf e membro do Economics Conference do Goetheanum.

Lúcia Sigolo – administradora pública, consultora, fundadora do programa Contbem e membro do Economics Conference do Goetheanum.

os dias atuais, mostramos um panorama da experiência da humanidade em termos da esfera econômica e como ela se relacionava e se relaciona atualmente com as esferas jurídica e cultural. Desta forma, destaca-se a importância de compreender a economia de forma verdadeira e ampla, bem como o quanto essa compreensão depende da ampliação da consciência de cada um de nós.

Em seguida, oferecemos uma dinâmica participativa que mostra o que é dinheiro e o que é capital. Desta forma, fica clara a característica do dinheiro como elemento de troca e do capital como capacidade humana. Depois, passamos a observar o papel-moeda físico, que é feito dentro da sala de aula com os jovens, demonstrando algo prático aos presentes.

Apesar do tempo ser escasso, foi possível dar uma rápida pincelada sobre a correlação do Mistério de Hibernia com os relatórios financeiros - Demonstração do Resultado do Exercício e o Balanço Patrimonial de uma organização - e o papel do ser humano consciente nas contas de fechamento do ano.



Após o intervalo, oferecemos mais uma dinâmica feita em sala de aula com nossos alunos, em que os participantes “encontram” quem pode atender seus interesses ou necessidades, ou pessoas com interesses ou necessidades que “encontram” a quem oferecer. Aqui está a troca. É essencial observar isso para pensar em economia.

Por fim, os participantes foram convidados a ler e refletir sobre três excertos do curso “Metodologia e Didática” de Rudolf Steiner, GA 294 (incluído no final). Nesses textos, conforme demonstrado a seguir, encontramos indicações sobre o ensino de economia.

Cada parte do livro foi lida e realizado um momento de discussão, após o qual compartilhamos reflexões sobre o tema. Foi um momento muito rico, onde abordamos o momento de vida da criança de 12 anos, conversamos sobre casos práticos dentro das escolas e o momento da conclusão dos estudos dos jovens. Houve muita troca de boas referências.

Após a reunião, enviamos as seguintes recomendações de leitura aos participantes:

- Palestras de 1905 - publicadas pela Editora Antroposófica: Economia e Sociedade à luz da Ciência Espiritual - Rudolf Steiner.
- Curso de Economia ministrado por Rudolf Steiner - 14 aulas entre 24 de julho e 6 de agosto de 1922 - (GA 340)
- Fundamentos da Arte de Educar - Três Últimas Palestras Oxford - FEWB Publishers (GA 305)
- A Arte da Educação II - Metodologia e Didática no Ensino Waldorf - Editora Antroposófica (GA 294)
- Mistérios da Hibernia - não traduzido para o português: Palestras de 7,8 e 9 dez/23 (GA 232) e palestra de 27/dez/23 - História Mundial à luz da Antroposofia (GA 233)
- Conferência Econômica do Goetheanum: <https://economics.goetheanum.org/home>
- Alfabetização Financeira Associativa: <https://associative-financial-literacy.com/>
- Rare Albion Film - A Exposição: <https://youtu.be/3lcpUgvSXtc>

Sentimos que esse encontro foi apenas o começo, pois ainda há muito a fazer e construir. No entanto, foram plantadas sementes para um trabalho que deveria ter continuidade e outros apoiadores. Temos uma grande intenção e vontade de o repetir.

CURSO PRÁTICO PARA PROFESSORES – GA 294

1º. Palestra – Sobre o ensino de Geografia
2 de setembro de 1919, Stuttgart

“Vejam: começando dessa maneira, com um bom embasamento, os Senhores poderão contar com a compreensão da criança por volta dos 12 anos de idade, se já agora procederem sistematicamente - se, num espaço de tempo limitado, cuidarem para que a criança realmente faça uma ideia da Terra à medida que os senhores lhe ensinam os 5 continentes, os mares e - na verdade, de maneira mais resumida como fizeram antes - descrevem a vida econômica dessas diversas regiões terrestres. Do fundamento lançado anteriormente é que os Senhores terão de extrair tudo isso. Depois de haverem feito um resumo, abrangendo a Terra toda, de que ensinaram a criança como sendo vida econômica, justamente no momento em que talvez já tenham, durante meio ano, ensinado História da maneira como mostramos, passem a conversar com as crianças mais a respeito das condições espirituais das pessoas que habitam cada em cada uma das regiões terrestres.

[...] Inicialmente, descreveremos à criança entre os nove e dez anos, no ensino da Geografia, as condições econômicas e exteriores. Depois continuaremos com as condições culturais e espirituais dos diversos povos. E em seguida ressaltamos ligeiramente as relações jurídicas reinantes entre os povos. Mas só deixamos transparecer os conceitos mais primitivos, através da vida econômica e espiritual - pois a criança ainda não dispõe de compreensão plena das relações jurídicas.

[...] A geografia pode realmente ser uma grande via onde tudo desemboca e de onde, por outro lado, também se retira muita coisa.

[...] Contudo, não se deve - justamente ligando o ensino da Mineralogia com o de Geografia - deixar de falar do emprego daquilo que encontramos economicamente na natureza.”

GA 294 - 12o. Conferência - Como conectar a Escola com a vida prática
3 de setembro de 1919.

[...] “Foi justamente na época em que o materialismo se expandiu, no último terço do século XIX, que esse mesmo materialismo também penetrou na didática em grau tão elevado a ponto de se considerar a especialização algo muito importante. Não creiam que haja um efeito idealista sobre o jovem se os Senhores evitarem, nos últimos anos do segundo grau, mostrar-lhe a matéria de ensino em sua relação com a vida prática. Não creiam que a criança venha a tornar-se mais idealista para a vida futura se, nesses últimos anos, fizeram-na redigir composições sobre todo o tipo de trivialidades sentimentais - sobre a mansidão do carneiro, a ferocidade do leão e coisas do gênero, ou sobre a presença divina na Natureza.

[...] O que eu estou mencionando aqui deve ser inteiramente levado em conta no ensino, arrastando-se menos para o lado sentimental e conduzindo-se mais para a linha da vida prática o que a criança aprende justamente aos treze, catorze, quinze anos. Sendo assim, nenhum aluno deveria chegar aos quinze anos sem que o ensino da aritmética o tivesse introduzido pelo menos no conhecimento das regras mais elementares da contabilidade; e, desse modo, nesses anos, os fundamentos da gramática deveriam ser menos introduzidos naquela forma de redação que, de certo modo, sempre apresenta a vida interior humana como que encharcada de baboseiras

[...] Dever-se-ia, muito mais, atentar para que a gramática se aplicasse na redação comercial, na carta comercial. E nenhum aluno deveria ultrapassar os quinze anos sem ter percorrido a etapa de escrever modelos de cartas comerciais práticas... Os Senhores prestarão um grande benefício ao aluno ensinando-o a canalizar seus conhecimentos gramaticais e linguísticos para redações e cartas comerciais. Em nossa época, não deveria haver efetivamente pessoa alguma que não houvesse alguma vez aprendido a escrever uma carta comercial ordenada. É certo que talvez, na vida futura, a pessoa não venha a precisar empregar isso; mas, mesmo assim, ninguém deveria ter sido poupado de escrever, alguma vez, uma carta comercial correta.”

GA 294 – Princípios educativos morais e sua transição para a prática
14o. Conferência - 5 de setembro de 1919,

“Nos doze anos, é preciso levar em conta que o jovem possui um instinto para o tributo, para aquilo que deve ser taxado, para o caráter do desconto, etc. Isso apela ao instinto, mas já devemos fazer com que seja fortemente comandado pelo juízo tratando, já nessa época, das relações entre cálculos, circulação de mercadorias e questões patrimoniais – cálculos percentuais, juros, descontos, etc.

É de grande importância não apresentarmos esses assuntos tarde demais ao jovem. Ensinar-lhes esses conceitos muito tardiamente significa efetivamente contar, nesse ensino, somente com seu egoísmo. Isso não acontecerá se, por volta dos doze anos, lhe ensinarmos algo para o entendimento do câmbio e similares, dos conceitos da escrituração contábil, etc. A contabilidade propriamente dita poderemos fazer mais tarde, pois já implica mais intelecto. Mas ensinar esses conceitos é de grande significado para essa época, pois ainda não se manifestam os sentimentos egoístas em relação a juros, câmbio e coisas afins quando o aluno é tão jovem. Na escola técnica de comércio isso já se torna problemático quando o ser humano é mais velho.”